

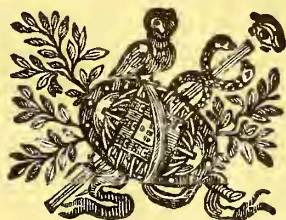
A PRIMAVERA.

CANTATA

POR

FRANCISCO VILLELA BARBOSA.

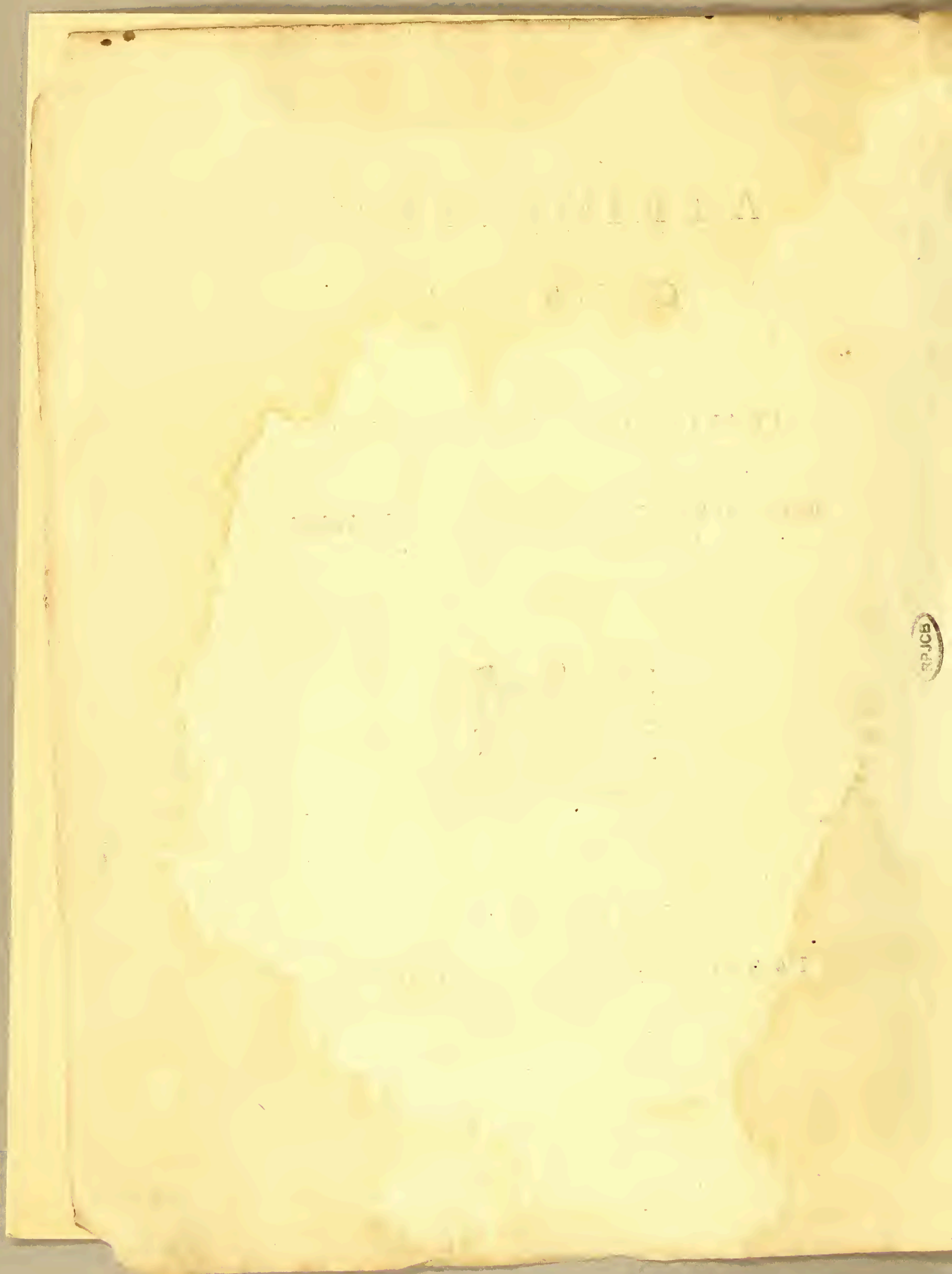
*Impressa no Tomo VI Parte 1 das Memorias da Academia
das Sciencias de Lisboa em 1819.*



LISBOA

NA TYPOGRAFIA DA MESMA ACADEMIA.

1821.



RPJCB

A P R I M A V E R A .

C A N T A T A .

Πως ἔχρη καὶ ἐν εἰρήνῃ καλὸν αἰεῖσαι;

Meleagro Idyll. á Primav.

*Porque não cantará também o Vate
A risonha, a formosa Primavera?*

Trad. por J. B. A. S.

LA onde em tuas margens, patrio Rio,
Que do primeiro mez tomaste o nome,
Pasce o sidereo Capro o verde esmalte,
E de teus crystaes bebe a onda pura,
(Meta antiga do Sol, centro hoje de Outro,
Cujo lucido Imperio abrange os pólos)
Com providente mão a Natureza
O asylo preparou da Primavera.
Alli não murcha a rosa: alli os troncos
De flores sempre novas se atavião.
Alli (em quanto as negras Tempestades
Sobre as azas de Boreas carrancudo
Arripião do Inverno a hirsuta grenha,
Nos Ceos rola o trovão, cae o diluvio,

E do Septentrião alaga as plagas)
 Se acolhe a Deusa com as Graças todas:
 Mas apenas viçosa a amendoeira
 Dá signal de acordar ás nuas plantas,
 No pressuroso carro Phebo a toma:
 Dalli volta com elle alegre e rindo,
 Quam doce he vêla então com mão curiosa
 Toucar a densa coma do arvoredor,
 E sobre o verde dos macios valles
 Desdobrar a cheirosa bordadura,
 Em que arte e mimo dispendêra Flora!
 Quam doce he vêla do sanhudo Inverno
 Triumphante correr em roseo carro
 Os tapizados campos! Vão ante Ella
 Os capripedes Satyros dançando:
 Fazem-lhe côrte as Graças prazenteiras:
 Namorados de vêla os bosques cantão:
 Os arbustos, os platanos florescem
 Com seu halito doce perfumados:
 E os virgineos botões, abrindo os labios,
 Com pudibundo riso se franqueião
 Ao pranto creador da madre Aurora.

Cantai, ó Pastoras,
 A Deusa da selva,
 Que veste de relva
 As vossas campinas,
 E os valles matiza
 De soltas boninas.

E Tu, que a natureza estudas e amas,
Andrada, escuta o canto: ser-te-hão gratos
 Os sons da patria Musa, e o nobre assumpto.
 Com a lyra nas mãos, na bocca os hymnos,
 E no peito a virtude, ella te acena,
 E te convida para os floreatos valles

A saudar as matutinas graças
 Da formosa Estação, Aurora do anno.
 Venturoso o mortal, que contemplala
 Póde longe da Corte estrepitosa,
 E se apraz de trocar os aureos tectos
 Pelos verdes docéis da umbrosa selva!
 Das symmetricas praças abhorrido,
 Corre estas veigas placidas, sem ordem,
 Habitadas da franca Singeleza.
 Das flores pelo calyce orvalhado
 Do tranquillo prazer o nectar gosta:
 E se adornado de virentes folhas
 No curvo ramo amadurece o Ouro;
 Encetado sem crime, então lhe deixa
 A fragrancia nas mãos, o mel nos labios.

Mas que augusto espectaculo se ostenta!
 Eis das moças Titães a Primogenia,
 Que do primeiro Sol dourára o berço,
 E o fulgido Oriente assignalára
 Com acceso rubim sobre o horizonte!
 De brincado lavor vistosas galas
 Trajão os Ceos; e os campos a esmeralda;
 E as montanhas de perolas se toucão.
 Taes do Eden os jardins se nos pintarão,
 Que a innocencia enflorou, murchou a culpa:
 De cujos restos sempre preciosos
 Saudosa a Natureza, de anno a anno,
 Com pincel immortal reforma o quadro;
 Não de teus camarins, Mortal vaidoso,
 Para ornar as paredes ociosas:
 No Sanctuario está da Natureza,
 E mui longe de vós, Homens vulgares,
 Para quem sobre os valles esmaltados
 Não tem côr a tulípa, ou cheiro a rosa.

(6)

Salve pois , Estação linda ,
Que alma nova dás ao mundo !
Tua vinda ,
Teu jucundo
Riso alegre a terra e ar.

Ja dos igneos horizontes
Desce á terra alma scentelha :
Sobre as fontes
Ja se espelha
O verdejante pomar.

Ja não muge o trovão rouco
Nas profundas cavidades :
Nem tam pouco
Tempestades
Sobre a costa ouço roncar.

Ja cõ os sóccos quebra a neve
O corado Lavrador :
Ja se atreve
Sem pavor
A seus campos visitar.

Sob o jugo os bois mettendo
Canta a amor ; mas sem apego :
Descrevendo
Torto rego ,
Que hade breve semear.

Rejeitando o tojo bravo ,
Tenros prados tosa a ovelha :
Vai o favo
Loura abelha
Fabricando a susurrar.

(7)

Cobre povo de mil flores
Todo o valle, e monte agreste:
Traja as cores,
Que o celeste
Arco em chuvas lhe vem dar.

Salve pois, Estação linda,
Que alma nova dás ao mundo!
Tua vinda,
Teu jucundo
Riso alegre a terra e ar.

Mas que fogo divino, que ar mais puro
Me inflamma o coração, me esperta o sangue?
Quam formosa Manhã coroa os montes!
Espargindo ouro e lirios se annuncia
O Rei dos Astros. Como alegre surge
Em pompa conduzindo a Primavera!
Soa nos bosques emplumada Orchestra:
Ardem aromas sobre o altar de Flora:
E adora ao Sol alvoroçada a Terra!
O' tu, fonte de luz, Alma do mundo,
Principio omniparente, e bemfazejo,
Tu, que fazes volver a roda ingente
Da carbunclea carroça luminosa,
Onde as quatro Estações gyrão perennes,
Sentado no teu Solio de diamantes,
Os meus hymnos protege, agora que alto
La do animal lanigero celeste
Ambos os pólos ves equidistantes,
E igualmente nos dás a luz e as trévas.
Foste de adoração o digno objecto
Das profanas Nações, que te incensarão!
Recebendo de ti alento e vida,

Gratidão lhes dictou canticos sacros:
Levantáráo-te altar teus beneficios.

Louvai pois, viventes,
O lucido Nume,
Que pródigo lume
Reparte entre os entes:

E o frêuxo embrião
Na madre profunda
Anima e fecunda
Da terrea extensão.

Ja no arctico pólo
Com jasmims e ouro
Do celeste Touro
Orna o fulvo collo:

Que submisso humilha,
Em amor acceso,
Ao formoso peso
Da Agenoria filha.

E a terra, a que dera
Nome a gentil Moça,
Com graças remoça,
E folga na sphaera.

Depois ledô mora
Cõ os Lumes irmãos,
E os fructos louções
Nos ramos colora.

Para elles copeia
Da tenra Donzela
A cor da tez bella,
Que o pejo afogueia.

Mas eis a Tarde de primores rica!
Em mimos cõ a Manhã rivalizando,
Da creadora Estação varía o ornato,
Com diversos paineis vestindo o Templo.
Seguida dos Favonios innocentes
Desce do Phebeo carro, e a par cõ a Deusa
Em floridos vergeis passeia e brinca.
A Amizade a entretém, Amor a encanta.
Aqui tece grinaldas; lá sem ordem
Labirintos enreda, enleia sombras:
Entre o myrto cheiroso o arroio escuta,
E em cochins de verdura afaga os Somnos.
Engolfada em taes lidas não receia
A paz da Natureza ver turbada
Quando do Occaso subito negrume
Surge; e sobre o horizonte a Nevoa poussa:
Do Inverno fugitivo Austro junctando
Os dispersos destroços, a reforça:
Cresce, as azas estende, avulta, e voa.
He cerrado Esquadrão de feias Nuvens:
Cobre parte dos Ceos: feroz ameaça
Disputar do hemispherio a posse á Deusa.
Ai dos encantos seus! Quem os defende?
Dá signal o Trovão: começa a lucta.
Quanto me agrada ver estes combates!
Tudo he bello nos Ceos, té seus furores:
Inda entre elles reluz da Deusa a imagem!
Em seu auxilio Phebo acode prompto:
Ardente setta rapido dardeja,
Que o seio rasga da assombrosa Treva.
Dissipa-se a tormenta: as Nuvens fogem,
Dando em tributo aljofares á terra.
Venceu a Deusa emfim, e a luz resurge.
Como he mimosa então a Natureza

(10)

Có a bocca em riso, e as faces orvalhadas!
Tal a Donzela, que travesso amante
Em amorosos brincos magoára: (a)
Chora, e se ri, e alegre entre queixosa
Lhe embebe na alma divinaes delicias!
De pavoneas plumagens guarnecido
Iris levanta o arco do triumpho.
O Sol lhe doura a pompa: as flores se erguem
Adornadas de liquidos diamantes,
De enfeitar-lhe a coroa cubiçosas:
E das aves, que attonitas nos bosques
Pela densa rãragem se escondêrão,
Harmonioso bando os ares cruza,
Celebrando a Victoria, a Paz, e a Deusa.

Os ledos pastores
De tantos
Encantos,
E ricos primores,

Das frautas nos sons
Com hymnos
Divinos
Descantão os dons.

E tu, Eco, as phrases,
Que escutas,
A's grutas
Ensinas loquazes.

Nas azas então
Os Ventos
Attentos
Suspendos estão.

(a) Como dama que foi do incauto amante
Em brincos amorosos maltratada, &c.
Camões Cant. H. Est. XXXVIII.

Porem ja lança languido sorriso
Phebo sobre os outeiros empinados.
Augusta sombra a Natureza envolve,
E doce luz a escuridão prateia.
Eis no theatro da Noite a scena posta,
E nocturnos Festins tecendo encantos.
Seus mysterios então Amor celebra.
Do ethereo pavilhão se estende o panno
Bordado da mais rica pedraria.
Do centro pende do suberbo tecto
Argenteo Lustre, que illumina a scena.
Eu vos saudo, ó Noite, ó Lua, ó Astros,
Que da Quadra gentil sois ornamento!
Nos festejos cõ a Terra o Ceo compete,
E fulgores disputa a Noite ao Dia.
Em aureo e vasto circulo os Planetas
Formão attentos nitido cortejo,
A' formosa Estação reconhecidos.
Nella o primevo impulso recebêrão,
Quando do mundo na mimosa infancia,
As prescriptas carreiras ensaiando,
Pela abobada azul promptos rodárão.
Veneranda memoria, anciã, sagrada,
Que repetem fieis á voz do Eterno!

Fervem mil lumes
No Ceo sereno,
Que ao brilho ameno
Fazem ciumes
Do verde prado,
Tambem bordado
De seus fulgores:
São estrellas no ceo, no campo flores.

Ventos mais docês sobre as crespas vagas,
Sobre as verdes searas se derramão,
As perfumadas azas extendendo.
Quaes se repartem do Oceano o imperio:
Quaes se dividem as amenas varzeas.
Suaves Virações, aquelles cruzão
Os undosos districtos socegados:
E ao voto ardente de saudosa Esposa
Prosperos soprão, borrhando os Deuses,
E os pintados Heroes da erguida poppa.
Brincões Favonios, estes se divertem,
Ora levando ás sequiosas plantas
A amiga geração nas ferteis azas:
Ora brincando cõ os anneis dispersos
Da loura Camponeza, que cantando
Entre os dedos de neve o fuso volve.

Neptuno brando
As vagas doma.
Dos mares toma
Zephyro o mando,
Que Euro excessivo,
E Africo altivo,
Exercitavão
Nas salgadas campanhas, que guardavão.

Então desperta
Gyra a ambição.
Oh como vão
Por via incerta
Gravidas quilhas,
Das Mães e Filhas
Sempre choradas;
Das recentes Esposas detestadas!

Já a novos portos
 A frota aborda:
 A industria acorda
 Nos Genios mortos:
 E ao mutuo bem
 Correndo vem,
 Inda singelas,
 Firmes dando-se as mãos as Artes bellas:

Porem quem como Tu, Illustré *Andrada*,
 Na malfadada, ingrata Edade nossa,
 Ha que assim possa sempre estudioso,
 E proveitoso dispendêr da vida
 Em melhor lida o seu melhor thesouro:
 Na Lyra de ouro ora altos sons tangendo,
 Ora regendo os Lusitanos choros,
 Onde sonoros alvos Cysnes voão,
 Que o mundo atroão com eterno brado,
 O Tempo, o Fado, ameaçando, e a Inveja,
 Que em vão pragueja vendo a luz Phebea.
 Salve, Assemblea de Varões Sapiêntes,
 Astros luzentes sois da Lusa Sphera:
 Va de era em era vossa fama e gloria.
 Fiel Historia põe a salvo os que amão,
 E a Patria afamão por trabalhos nobres.
 Que não descubres, ó sagaz Talento!
 Cada elemento submettendo a normas,
 As artes formás, e dás leis aos usos.
 Em vão reclusos seus thesouros tinha
 Com mão mesquinha a Natureza ignava.
 Industria cava as preciosas minas:
 Cria officinas pertinaz trabalho:
 Retinne o malho, range a lima, e ruge
 Eólo, e muge a lavareda ondeando.
 De quando em quando geme a selva; e ás praias

Baixão as faias das frondosas serras,
 E a extranhas terras levão uteis seres.
 Pomona e Ceres orna a Mãe Cybele;
 E de Semele guia o filho as danças,
 Prendendo as tranças pampinosas vides.
 Sempre assim lides, geração humana!
 Riqueza mana das proficuas Artes,
 Que mal repartes, caprichosa Sorte.
 Porem importe para o bem de tudo
 Primeiro o estudo, que nos traz ventura.
 Formosa e pura só a dá Sapiencia
 A' consciencia, que despiu cuidados,
 Por livres prados extendendo a vida.
 Alli guarida foi achar Verdade,
 Quando á Cidade de entre ardis fugindo,
 No seio lindo a recatou Virtude,
 E ao pastor rude a confiou em guarda.
 Muito pois tarda para ser ditoso,
 Quem cuidadoso alli não busca abrigo;
 Onde o perigo da ambição salvando,
 E contemplando a universal belleza,
 Que a Natureza tem tão rica ornado,
 Por seu dourado código instruido,
 Cante embebido na lição celeste
 A mão que veste á Primavera as flores,
 E á Aurora as galas de gentis primores.

No palacio da Riqueza
 Não habita a sã Ventura:
 So a encontra o que a procura
 No seio da Natureza.

Lê pois, *Andrada* ditoso,
 No grande livro do mundo,
 Em quanto o somno profundo
 Cerca o leite do ocioso.

(15)

Nas puras manhans suaves ,
Quando o Sabio o campo estuda ,
O Rouxinol o sauda ,
E ledas cantão-lhe as aves.

Nas longas tardes calmosas
O abriga docel frondoso ,
E brincar no leito hervoso
Vê as sombras buliçosas.

Logo enlevado o diviso
Cõ os olhos nos horizontes ,
Quando o Sol dourando os montes
Lhes dá o ultimo sorriso.

Depois no nocturno veo
Em caracteres brilhantes
Lem os seus olhos errantes
As maravilhas do Ceo.

F I M.